

Mobilidade Humana: migração de cubanos e haitianos na fronteira Brasil - República Cooperativa da Guiana

Human Mobility: migration of cubans and haitians at the Brazil - Cooperative Republic of Guyana border

Mobilidad Humana: Migración de cubanos y haitianos em la frontera Brasil - República Cooperativa de Guyana

Pamela Vieira da Silva

Universidade Federal de Roraima
alemapvieira@gmail.com

Isabella Raquelane Souza da Silva

Universidade Federal de Roraima
isabellasilva.geo@gmail.com

Altiva Barbosa da Silva

Universidade Federal de Roraima
altiva.barbosa@ufr.br

Resumo

O município de Bonfim, em Roraima é uma das trinta e duas cidades-gêmeas existentes no Brasil, que está localizada na linha da fronteira terrestre, com a cidade de Lethem – República Cooperativa da Guiana. Através desta área de fronteira, tem-se observado um intenso fluxo de migrantes cubanos e haitianos que entram no território brasileiro, através da Guiana, apesar do controle efetivo de entrada desses migrantes. O presente estudo descreve a realidade de rotas clandestinas que os migrantes cubanos e haitianos percorrem para entrar no Brasil. A crescente entrada de cubanos e haitianos ainda está longe de se equiparar ao volumoso fluxo de venezuelanos que desde 2015 chega ao Brasil por Roraima, mas considerando a população do Estado, este percentual torna-se expressivo. A leitura dos noticiários de jornais foi um dos principais instrumentos para constatação das operações dos órgãos de segurança do Brasil, através das quais se percebem que os atravessadores ilegais de migrantes, em sua maioria são taxistas intermunicipais, constituem uma rede organizada que ultrapassa as fronteiras para que esses migrantes, haitianos e cubanos, cheguem em território brasileiro. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter descritivo, de abordagem qualitativa, complementada com pesquisas realizadas em periódicos e artigos de jornais locais.

Palavras-chave: Migrações. Fronteiras. Brasil/Guiana. Rotas clandestinas.

Abstract

The municipality of Bonfim, in Roraima, is one of the thirty-two twin cities in Brazil, located along the land border next to the city of Lethem – in the Cooperative Republic of Guyana. Through this border area, there is an observed intense flow of Cuban and Haitian migrants entering Brazilian territory via Guyana, despite effective entry control. This study describes the reality of clandestine routes that these migrants take to enter Brazil. Although the increasing arrival of Cubans and Haitians

is still far from equaling the substantial flow of Venezuelans entering Brazil through Roraima since 2015, this percentage becomes significant considering the state's population. News reading was one of the main tools for identifying the operations of Brazilian security agencies, which reveal that illegal migrant smugglers, mostly intermunicipal taxi drivers, form an organized network that crosses borders to facilitate the arrival of these migrants – Haitians and Cubans – into Brazilian territory. This is an exploratory, descriptive study with a qualitative approach, complemented by research conducted in local newspapers and journal articles.

Keywords: Migrations. Borders. Brazil/Guyana. Clandestine routes.

Resumen

El municipio de Bonfim, en Roraima es una de las treinta y dos ciudades gemelas existentes en Brasil, que está localizada en la línea de frontera terrestre con la ciudad de Lethem – República Cooperativa de Guyana. Mediante esta área fronteriza, se ha observado un flujo intenso de inmigrantes cubanos y haitianos que entran al territorio brasileño a través de Guyana, a pesar del control efectivo de la entrada de esos inmigrantes. El presente estudio describe la realidad de rutas clandestinas que los inmigrantes cubanos y haitianos recorren para entrar a Brasil. Pero el aumento de la entrada de cubanos y haitianos todavía está lejos de compararse con el incremento del flujo de venezolanos que llega a Brasil por Roraima desde 2015, mas teniendo en cuenta la población del Estado, este porcentaje se hace significativo. La lectura en los diarios fue uno de los principales instrumentos para constatar los operativos realizados por los órganos de Seguridad de Brasil, a través de los cuales se verifica que la mayor parte de atravesadores ilegales de inmigrantes, son taxistas inter municipales, que constituyen una red organizada que ultrapasa las fronteras para que esos migrantes, haitianos y cubanos, lleguen al territorio brasileño. Se trata de una investigación exploratoria, de carácter descriptivo, abordaje cualitativo, complementada con investigaciones realizadas en periódicos y artículos de diarios locales.

Palabras clave: Migraciones. Fronteras. Brasil/Guyana. Rutas clandestinas.

Introdução

Este artigo apresenta aspectos pertinentes à conjuntura migratória na fronteira Brasil-República Cooperativa da Guiana, especificamente, da cidade brasileira de Bonfim, em Roraima, fronteira com o país vizinho mencionado, dando destaque a questão dos fluxos clandestinos de cubanos e haitianos.

O município de Bonfim - uma das trinta e duas cidades gêmeas existentes no Brasil. Faz fronteira com a cidade de Lethem, pertencente à República Cooperativa da Guiana, cujo acesso se dá através da BR-401. É uma zona fronteira marcada por intensas trocas comerciais e culturais, ao mesmo tempo em que os limites dos dois países, apresentam-se com nitidez em diversas relações concretas e subjetivas.

Em um mundo cada vez mais integrado e conectado devido ao avanço das tecnologias de informação e dos meios de locomoção mais modernos e eficientes, conflitos que ultrapassam os territórios nacionais são comuns, apesar da riqueza dos contatos entre os povos. Tráfico, contrabando, fluxos migratórios e ilícitos de toda ordem são frequentes, sobretudo nas áreas fronteiriças.

A integração Brasil-República Cooperativa da Guiana, nas últimas décadas, intensificou-se a partir dos anos 1990, impulsionada pelo início da construção da ponte sobre o Rio Tacutu, interligando Bonfim a Lethem, e que foi finalizado no ano de 2005. Este marco reafirmou a aproximação e a importância econômica e política deste espaço.

Por volta dos anos sessenta, a integração da Guiana Inglesa com o Estado de Roraima era muito intensa, mesmo sem o asfaltamento da BR-174, e o precário tráfego hídrico existente. Após a conclusão desta BR, e por motivos geopolíticos das décadas de 70 e 80, os fluxos comerciais e de outros intercâmbios foram direcionados à fronteira Brasil/Venezuela, através das cidades-gêmeas Pacaraima (lado brasileiro), e Santa Helena do Uairén (Venezuela), (SILVA, 2007).

Diante das questões prementes que são postas na realidade atual, o presente estudo tem como objetivo trazer alguns elementos desta nova conjuntura onde rotas clandestinas tem propiciado um fluxo de pessoas, notadamente, cubanos e haitianos, para o território brasileiro, atraídos pelo dinamismo que se observa nesta região fronteiriça.

Os fatores que justificam a realização deste estudo na fronteira Brasil – República Cooperativa da Guiana, decorrem do constante noticiário de jornais envolvendo a travessia ilegal de migrantes nesta área fronteiriça desde 2017. No decorrer dos últimos três anos a crescente demanda de entrada de cubanos e haitianos em rotas clandestinas, tem incrementado um comércio ilegal envolvendo taxistas da cidade fronteiriça de Bonfim. Assim como, a expansão comercial tem sido uma grande preocupação, principalmente em relação aos tráficos, crimes de descaminho e travessia irregular de pessoas cubanas e haitianas. Registrou-se um crescimento deste fenômeno desde que a fronteira foi fechada no ano de 2020, justamente no momento de restrições e controle sanitário por consequência da pandemia, ocasionada pela Covid-19.

Para tentar compreender melhor este fenômeno, esta pesquisa de caráter exploratório, descritivo e analítico, trouxe também uma abordagem qualitativa, com coleta de dados secundários através da pesquisa bibliográfica, em periódicos e em artigos de jornais locais relacionados como o tema em questão. Mas, parte de uma percepção das autoras que vivenciam em maior ou menor grau o contato com a realidade aqui exposta.

O artigo foi dividido em quatro seções: a seção 1 intitulada: “A questão da Fronteira na Região Amazônica”; a seção 2, intitulada: “A Migração Transfronteiriça”; a seção 3, intitulada: “A dinâmica das cidades gêmeas de Bonfim e Lethem e a mobilidade humana”, e; a seção 4, intitulada: “As rotas clandestinas de migrantes na Fronteira Brasil – República Cooperativa da Guiana.

Assim, o artigo traz como reflexão a possibilidade de ampliação da integração nesta na área de fronteira tão especial, num momento em que as relações entre o Brasil e a República Cooperativa da Guiana, parecem que não podem mais ser adiadas. Os fluxos entre as cidades gêmeas citadas, as práticas comerciais de exportação e as políticas diplomáticas precisam se antecipar às práticas de

ilícitos nas fronteiras, sendo necessário um planejamento estratégico que contribua para desenvolvimento dessa área fronteira, fortalecendo a integração entre os dois países e buscando minimizar a insegurança e a ilegalidade existente neste limite fronteira.

A questão da fronteira na região amazônica

A realidade contemporânea das fronteiras brasileiras se constitui em importante debate para a construção de relações socioeconômicas e culturais de âmbito internacional, em amplo sentido, especialmente no que diz respeito às relações em comum nessa região fronteira. Estudos contemporâneos indicam que a fronteira já não representa a tradicional ideia de limite ou divisa e adotam uma nova concepção que a coloca como lugar de trocas e de convívio social (RUCKERT; SILVA, 2016).

Para Becker (2007), as fronteiras são áreas propensas a diversos fenômenos, desde os mais favoráveis à integração, a outros marcados por situações de vulnerabilidade. A autora afirma o importante papel dos Estados como regulador deste processo, embora agentes tão ou mais poderosos possam intervir nesta relação.

É preciso saber como planejar a fronteira, e para isso, é preciso conhecê-la. Muitas vezes as políticas adotadas para resolver questões de fronteira são tomadas por parte dos governos nacionais, na maioria dos casos com soluções protecionistas. As consequências das relações entre os Estados podem ser observadas com maior clareza nas cidades gêmeas.

No caso do Estado brasileiro, o modelo que fomentou a urbanização na cidade gêmea de Bonfim está diretamente relacionado ao discurso de proteção das fronteiras e ocupação dos espaços ditos vazios, sem uma efetiva integração econômica desta área ao território brasileiro. Seguindo também o modelo de valorização predatória de suas riquezas naturais, e abertura para o capital interno e externo.

A área de Roraima, em decorrência do aumento da garimpagem na região, passou a ser uma das principais regiões atrativas de imigrantes. Staevie (2012), ao analisar a migração em Roraima, ressalta que esta se deu a partir de 1930, com a chegada dos garimpeiros e, precisamente entre as décadas de 1940 a 1960, com a chegada dos colonos agrícolas e da massa em geral de imigrantes, com o propósito de trabalhar nas obras federais.

A década de 1960 foi marcada pela intervenção militar no Brasil e a fronteira era percebida pelos militares como algo a ser resguardada, motivação suficiente para materializar uma série de projetos geopolíticos na Amazônia, como a construção de estradas, pontes e aeroportos, bem como políticas de ocupação das terras com limites de áreas, como ocorreu em Roraima.

A abertura e construção das rodovias federais como a BR-174 interligando Manaus a Pacaraima; a BR-401 interligando Boa Vista a Bonfim e a BR-210 (Perimetral Norte), possuem forte viés geopolítico dos militares. Nesse sentido, SILVA (2007), permite compreender o papel fundamental dos militares na estruturação do espaço roraimense, o ethos militar vigente nessa sociedade, ao mesmo tempo em que se processa o discurso da ameaça da internacionalização desse vasto espaço.

“As Forças Armadas passaram a desempenhar um papel crucial na consolidação da ocupação territorial da Amazônia a partir desse momento, quando passaram a ter um mandato oficial mais abrangente e claro em relação a todos os aspectos da vida local sob sua interferência direta. Este mandato estruturou-se, no entanto, desde os anos 1930, a partir de uma forte propaganda aliada à atuação direta de alguns militares que se destacaram no “bandeirantismo do norte”. (SILVA, 2007, p. 112).

O período entre as décadas de 1970 a 1990 representa um marco para a ocupação do estado de Roraima, momento em que as rodovias tiveram uma contribuição significativa para o surgimento de novos municípios, e contribuíram para um grande fluxo migratório de nordestinos, em parte, de modo voluntário em “busca do ouro” e de terras e oportunidades que as metrópoles não podiam oferecer.

A “última” fronteira brasileira foi adquirindo nos últimos anos contornos mais complexos, com populações provenientes de outras áreas do território nacional e interesses diversos e em descompasso com a realidade dos povos originários. Diferentes “sotaques”, idiomas e línguas nativas são observadas no contexto fronteiro de Roraima, em especial na fronteira com a República Cooperativa da Guiana.

Para Martins (1997), a fronteira não é um lugar dado, mas uma criação, cujo resultado fica estampado nos inúmeros conflitos que a constituem. Ela não se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de diferentes coisas: fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem.

No caso específico da fronteira amazônica, não há como desatrelar sua ocupação do processo de expansão do capital, seja na área de mineração, seja por conta do deslocamento do vetor de grãos do agronegócio, e outros vetores mais recentes.

Migração transfronteiriça

O fenômeno migratório internacional atual vem se intensificando favorecido pela constituição de sociedades em redes. A evolução dos transportes e comunicação permitiu o incremento dos deslocamentos, ao mesmo tempo que os fenômenos de expulsão dos povos dos seus territórios aliado a expansão do capital e outros fluxos trazem à tona a porosidade das fronteiras nacionais, étnico-culturais e identitárias.

Dessa forma, as práticas de deslocamento devem ser percebidas também como constitutivas de significados culturais em lugar de serem apenas uma extensão ou transferência desses significados. As redes sociais construídas na migração têm a capacidade de produzir modos de organização que ultrapassam as fronteiras de um Estado, de um território definido por uma linha geopolítica ou dois lados separados e vigiados arbitrariamente, mas também ligados por práticas legais e ilegais de cruzamentos, trocas e comunicações (Clifford, 1999, p.13).

As zonas fronteiriças são zonas de empréstimos e apropriações culturais e, por isso, um lugar privilegiado para a compreensão do fenômeno migratório internacional. Essas fronteiras tanto podem se configurar como lugar de controle como de transgressão, seja das fronteiras geopolíticas seja das fronteiras culturais e da subjetividade (RODRIGUES, 2006).

Pensando, porém, nas várias causas da intensa migração e mobilidade por todo o globo, podemos destacar os conflitos armados, a opressão política, a pobreza, a ausência de redes de segurança para as necessidades fundamentais, a degradação do ambiente, os desequilíbrios demográficos, os fatores climáticos, o processo acelerado de urbanização e a falta de participação nos processos políticos e muitos outros.

No caso dessa migração transfronteiriça que ocorre entre Brasil-República Cooperativista da Guiana de cubanos e haitianos, a maioria dos casos se origina de deslocamentos compulsórios, ou seja, que eminentemente são de trabalhadores, que foram expropriados de suas terras, de seus postos de trabalho e emprego, bem como, as pressões que os mesmos sofrem pela falta de oportunidades no seu país de origem. Assim, se veem obrigados a migrar em busca de alternativas de sobrevivência. E este fluxo, foi direcionado ao Brasil, após a crise humanitária ocasionado pelo grande terremoto de 2010.

Contudo, a migração é um processo multifacetário onde a simples mobilidade física não é suficiente para defini-la no contexto atual da globalização a qual é e pode ser utilizada como recurso por movimentos de resistência que se articulam em rede por territórios multiescalares inclusive redes ilícitas como o tráfico de drogas (MACHADO, 1998).

Em um contexto global, as migrações internacionais recentes podem ser explicadas pelas mudanças na forma de regulação da produção que acentuaram as desigualdades regionais no mundo estimulando os fluxos de capitais e mercadorias mudando os padrões tradicionais da migração (MARTINE, 2005).

Essa realidade dos migrantes transfronteiriços aponta para várias lacunas na política de migração brasileira, sustentada apenas nos interesses puramente econômicos e comerciais e, portanto, sem a perspectiva de uma integração sociocultural latino-americana. São vários os exemplos: dos trabalhadores que estabelecem o fluxo diário entre essas cidades sem nenhuma garantia trabalhista ou de cidadania, da entrada clandestina por meio dos taxistas, do aumento do tráfico de mulheres,

dentre outros. Para cada uma dessas ações, é seguida de reações e pressões sobre os estrangeiros que tentam cruzar a fronteira denotando uma falta de política específica para essas configurações socioculturais de fronteira.

Alguns aspectos dessa fala levam-nos a apreender o dialético processo migratório que mostra o movimento diário, de sonhos e decepções, daqueles que fazem o trânsito transfronteiriço interno e externo da Região Norte brasileira.

Levam-nos também a perceber o quanto se torna complexo caracterizar, do ponto de vista da migração, Roraima, e as cidades fronteiriças em estatísticas que revelam informações de longo prazo. O que se pode dizer é que o fluxo migratório levou a mudanças que hoje se refletem nas exigências do mercado de trabalho, modificando, com isso, aos poucos, as perspectivas que se apresentam para essas cidades.

Na mesma perspectiva de entender o processo migratório como conjuntural, o diretor do IBGE de Roraima, numa análise mais abrangente, referindo-se ao processo migratório da região de fronteira, alerta para os aspectos constitutivos que se associam e explicam os fatores diversos que provocam a migração e, além disso, chama a atenção para o aspecto oscilante desse processo e ainda para o perfil do migrante naquela região de fronteira. É significativo entender Boa Vista e Bonfim do ponto de vista dos movimentos migratórios.

A dinâmica das cidades-gêmeas de Bonfim e Lethem e a mobilidade humana

A cidade de Bonfim era um pequeno vilarejo ao longo do século XX, reproduzindo a realidade de uma fronteira isolada e vazia, ao norte do Brasil. Separada pelo rio Tacutu, precisamente da cidade de Lethem, a expansão agrícola e pecuária determinou o seu crescimento.

O município foi criado pela Lei Federal Nº 7.009 de 1 de julho de 1982, com terras desmembradas do município da capital do estado e de Caracaraí (Bonfim, 2017). Conforme dados do censo IBGE (2022), a população de Bonfim é de 13.923 habitantes, distribuídos em toda a sua extensão territorial tanto na zona urbana quanto a rural do Município.

De acordo com dados do IBGE (2010), Bonfim está situado na porção Centro-Oriental do estado de Roraima, na mesorregião Norte, microrregião Nordeste. Limita-se ao Norte com o município de Normandia; ao Sul com o município de Caracará; a Oeste com Boa Vista e Cantá e a Leste com a República Cooperativista da Guiana Inglesa.

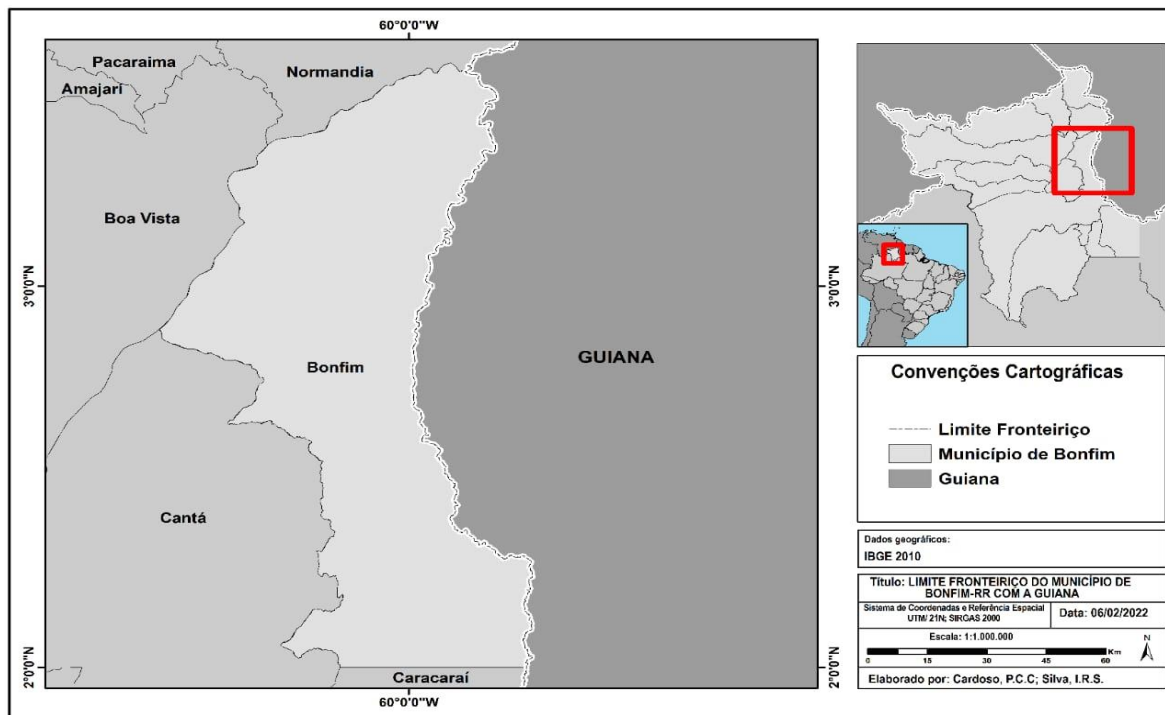


Figura 1 - Mapa de Localização Brasil – República Cooperativa da Guiana.

Fonte: dados primários, (CARDOSO; SILVA, 2022).

Ocupando uma área de 8.095,420 km² que corresponde a 3,61% do território de Roraima, com densidade demográfica de 1,35 hab./Km², localizado à margem esquerda do rio Tacutu. Possui uma área de limite internacional com a Guiana de 964 Km² – faixa considerada de segurança nacional, e de posição estratégicas às relações internacionais (IBGE, 2010). A sede do município de Bonfim encontra-se na divisa com a [cidade guianense](#) de [Lethem](#), constituindo uma [aglomeração urbana](#) transnacional.

A República Cooperativa da Guiana, único país colonizado pelos ingleses no continente da América do Sul e banhado pelo Mar do Caribe, culturalmente se assemelha mais às nações caribenhas que às sul-americanas. Desde a época dos holandeses, sua maior produção tem sido o açúcar e o arroz, que predominou na área costeira. Do ponto de vista da divisão político-administrativa, a Guiana, segundo Smith (1962), divide-se em três grandes faixas de regiões ecológicas, a saber: uma zona litoral ou costeira, a floresta e a savana.

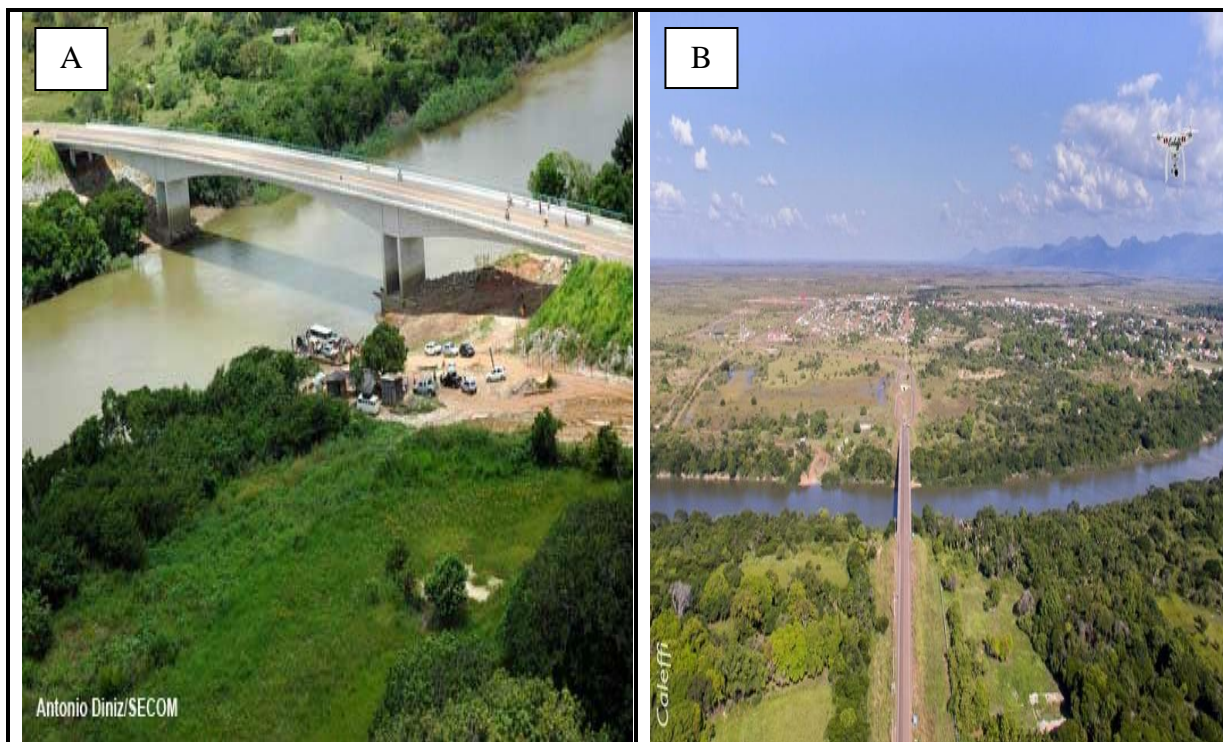


Figura 2 - **Fronteira Brasil – República Cooperativa da Guiana.**

Fonte: A imagem (A) foi registrada por Antônio Diniz (2009), antes da ponte ser inaugurada, a travessia para a cidade de Lethem era através da balsa; e a imagem ((B) registrada por James Callefi (2017), vista para a cidade de Lethem. Elaborado por SILVA, (2021).

As duas manchas urbanas encontram-se separadas apenas pelo [rio Tacutu](#), sobre a ponte “Prefeito Olavo Brasil Filho”, Brasil-Guiana, numa extensão da [BR-401](#), inaugurada no dia 14 de setembro de 2009, conforme apresentada na figura 1. No ano de 2017, foi criada a Lei Municipal nº 289/2018, autorizando a criação de lojas “*free shop*” em Bonfim, projeto ainda em fase de implantação.

Outro elemento importante a ser destacado, está relacionado à dinâmica do comércio formiga ilegal da fronteira. Simões (2014), caracteriza algumas práticas no Brasil como crimes de descaminho e contrabando. Nesse sentido, é importante destacar, ao analisar essa dinâmica de fronteira, o comércio em Lethem nos últimos anos cresce pela comercialização, em geral, de produtos falsificados, e outras contravenções difíceis de averiguar e mensurar.

Neste sentido, mesmo antes do atual cenário pandêmico global, com a fronteira fechada desde março de 2020, o município de Bonfim está constantemente em notícias de jornais com matérias de descaminhos envolvendo grandes apreensões de mercadorias (eletrônicos diversos, artigos de varejos, alhos, cigarros, bebidas) e promoção ilegal de travessia de imigrantes haitianos e cubanos envolvendo taxistas do município de Bonfim (G1 RORAIMA, 2021).

O grande fluxo de turistas brasileiros que atravessam a fronteira para realizar turismo de compras na cidade gêmea de Lethem tem contribuído maciçamente para a expansão comercial e

urbana da cidade e em Bonfim movimentam o trade turístico (taxistas, agências de viagens, rede hoteleira, bares e restaurantes). Antes da pandemia o município de Bonfim recebia, em torno de dez (10) ônibus de turismo vindo de Manaus para realizar compras na cidade de Lethem, na República Cooperativista da Guiana. Com a abertura controlada da fronteira, desde outubro de 2021, o fluxo de turistas está retornando de forma gradativa.

A relação dos brasileiros com os guianenses, na área de fronteira é bastante próxima, muitos brasileiros trabalham como vendedores nas lojas de Lethem, pois em Bonfim a oferta de emprego ainda é reduzida. Devido à grande demanda de brasileiros, tanto regionais como nacionais, que atravessam a fronteira para realizar compras na cidade de Lethem, os lojistas contratam brasileiros em sua grande maioria, em razão da fluência na língua portuguesa.

Com a inauguração da ponte em abril de 2009, foi transposta a última barreira entre as duas cidades. Bonfim, em Roraima, e Lethem, na República Cooperativa da Guiana, vivem um intercâmbio cultural que extrapola tratados internacionais.

A cidade fronteira de Bonfim, ao longo dos últimos anos, teve um crescimento populacional significativo, tendo como um dos fatores que influenciam no crescimento demográfico, destaca-se a migração, com aumento expressivo desde 2017, em razão da crise venezuelana.

A inauguração da ponte que liga os dois países Brasil e República Cooperativa da Guiana Inglesa, inaugurada em setembro de 2009, tem sido um divisor de águas, tornando a integração social, cultural e comercial fortalecida, grandes investimentos têm sido frequentes entre os dois países, principalmente na capital Georgetown. A relação entre dois países vem se efetivando através de acordos e parcerias, com suas necessidades individuais e coletivas, ao longo da história das cidades fronteiriças.

Assim como os brasileiros frequentam a cidade de Lethem para realizar compras, os guianenses buscam principalmente serviços públicos de saúde e educação em Bonfim, e buscam na capital Boa Vista, entretenimento e lazer, muitas vezes não encontrado nas cidades de Bonfim e Lethem. A interação entre as cidades-gêmeas é perceptível quando se circula pelas duas cidades.

Muitos guianenses residentes em Bonfim, possuem dupla nacionalidade, e residem principalmente no bairro 1º de julho, São Francisco e Cidade Nova, e falam fluentemente o português. A cultura guianense é muito presente na cidade de Bonfim, a língua, a música, a culinária e a moeda, o estilo de moradia, é possível diferenciar a residência do guianense e do brasileiro.

Esse fluxo, no caso específico da fronteira Brasil-República Cooperativa da Guiana, é motivado por redes de comércio e serviço. Desse modo, essa mobilidade populacional na fronteira se origina das redes sociais e das relações de parentesco que tem lugar nesta área de fronteira. Elas são fortalecidas e consolidadas por meio das relações sociais realizadas continuamente neste espaço transfronteiriço (ALMEIDA, 2016).

Ainda conforme Almeida (2016), todas as relações étnicas e interétnicas incidem sobre a diversidade cultural da fronteira. Tudo se constitui em função daquilo que cada grupo de indivíduos acumula e partilha e que podem ser mensuradas por meio de suas memórias, conquistas e seus saberes. Com isso, essas redes que conectam as pessoas são capazes de criar um território em constante movimento. Desse modo, a fronteira se estabelece como um lugar de constantes trocas. Esse espaço oportuniza a compreensão de como essas sociedades se compõem, se formam e se organizam.

Neste aspecto, Baines (2004) confirma que nessa fronteira internacional entre Brasil e República Cooperativa da Guiana se desenvolvem processos históricos e socioculturais entre os povos que habitam essa região. Dessa forma, as etnias se caracterizam como transnacional, onde as nacionalidades e etnias distintas se justapõem em complicadas manifestações de identidades, podendo aparentar divergência e imprecisão do ponto de vista de um desconhecido, mas, no entanto, na perspectiva dos moradores da fronteira não existem essas barreiras tão nítidas. Nesse sentido, atualmente, muitos deles possuem nacionalidade brasileira e/ou guianense.

As rotas clandestinas de migrantes na fronteira Brasil – República Cooperativa da Guiana

O fenômeno da imigração clandestina recrudescer nas três últimas décadas em alternativa aos problemas internos que muitos países africanos, asiáticos ou latino-americanos enfrentam, desde as crises econômicas, passando por crises políticas e perseguições de toda sorte, até os problemas ambientais como secas, terremotos, dentre outros. O Brasil, apesar de apresentar números modestos, confirma a tendência geral de aumento da imigração clandestina, com dados girando em torno de 600 mil imigrantes (OLIVEIRA, 2020).

A imigração clandestina na América Latina não é nem um fenômeno antigo, nem recorrente. Ao contrário, a proporção de imigrantes, em países como Argentina ou Brasil vem permanecendo estável nas últimas décadas, enquanto que apenas o número de imigrantes haitianos no Brasil é fenômeno realmente novo e demograficamente importante (Baeninger, 2013). De maneira geral, pode-se dizer que o clandestino na América Latina se define basicamente pelo status (legal ou ilegal) de seu registro no mercado de trabalho.

Ainda conforme Oliveira (2020), a migração clandestina tem aumentado e revelado novas dimensões no interior das migrações internacionais. Aparentemente, estamos diante de organizações clandestinas que, ao permitem e/ou facilitar essas atividades, impulsionam práticas econômicas informais e/ou ilegais. É de se pensar que existam interesses econômicos no agenciamento dos percursos migratórias que grupos ou pessoas funcionem como coíotes, exatamente como ocorre na migração clandestina do México para os Estados Unidos. Dito de outro modo, há indícios que revelam

uma “economia da migração clandestina” através de embarcações mercantes, impulsionada pelo aumento do comércio marítimo internacional.

O trânsito migratório no entorno do Brasil-República Cooperativa da Guiana, além de caracterizar os processos migratórios de pessoas, explica também, os deslocamentos de mercadorias e de significados simbólicos de um lado a outro entre esses estados-nação. Logo, é comum o perfil de migrante ilegal (indocumentado) na fronteira Brasil-República Cooperativista da Guiana.

Em Roraima, tem crescido o número de migrantes haitianos e cubanos pela fronteira Brasil-República Cooperativa da Guiana, sendo considera como um corredor. Mais de 13 mil imigrantes vindos do Haiti entraram no país pela fronteira da Guiana, em Bonfim (RR), foram 993, até novembro de 2018; mesma rota trouxe 31 mil cubanos desde 2018.

Os haitianos chegam em vans abarrotadas trazendo muitas malas. Mal desembarcam na beira da pista e os veículos já dão meia volta para depois regressarem com um novo grupo que é igualmente despejado na fronteira. É assim ao longo do dia. Depois que descem das vans, os estrangeiros fazem fila para entrar no posto de imigração da Polícia Federal na fronteira brasileira com a Guiana, em Bonfim, no Norte de Roraima. Chegam assustados e falam muito pouco. A maioria está só de passagem, não permanecem no estado de Roraima. Alguns pagando coiotes.

A Polícia Federal (PF), tem cumprido mandados de busca e apreensão em Roraima contra suspeitos de integrar organização criminosa especializada em promover migração ilegal no Brasil. Uma das operações ocorridas em 2021, *Operação Open Border*¹, os mandados foram expedidos pela 4ª Vara Federal Criminal em Roraima, cumpridos na cidade de Boa Vista e Bonfim.

De acordo com G1 Roraima (2021), a investigação pela Polícia Federal, começou depois da prisão em flagrante de duas pessoas que entravam no Brasil ilegalmente com vinte e um estrangeiros em uma van. A PF estima que o grupo teria ajudado centenas de imigrantes a cruzar a fronteira entre os dois países, por meio da cobrança de valores elevados, em dólar.

Segundo a Polícia Federal, o grupo atua de madrugada e conta também com a participação de barqueiros, que burlam a fiscalização fazendo a travessia pelo rio Tacutu, que separa as cidades gêmeas de Bonfim e Lethem (República Cooperativa da Guiana). Além da travessia na fronteira, o grupo mantém uma estrutura que garante a viagem dos imigrantes até a cidade de Manaus. Hotéis e pousadas, usadas no esquema, hospedavam os viajantes sem exigir qualquer documentação.

¹ Operação da Polícia Federal com o objetivo de desarticular uma organização criminosa que seria especializada na promoção de migração ilegal em território brasileiro.



Figura 3 – Operação ‘*Open Border*’ realizada pela Polícia Federal no Município de Bonfim – RR. Fonte: G1 Roraima (2021) - Imigrantes estavam divididos em quatro táxis e foram abordados em Bonfim, na fronteira com a República Cooperativa da Guiana — Foto: Divulgação/PF-RR.

A fronteira quando esteve fechada desde março de 2020, por ordem do governo federal, e a restrição se deu em razão da pandemia da Covid-19, no entanto, a migração ilegal vinha ocorrendo. Alguns jornais do estado de Roraima, traziam como manchetes a imigração ilegal envolvendo taxistas de rotas intermunicipal (Bonfim à Boa Vista).

De acordo com G1 Roraima (2021), quatro taxistas foram presos pela Polícia Federal de Roraima no município de Bonfim, na fronteira com a República Cooperativista da Guiana ocorrido no mês de fevereiro de 2021. O grupo trazia 27 imigrantes sendo, 26 haitianos e um cubano, que tentavam entrar no Brasil ilegalmente.

Em razão de várias denúncias e por comunicação oficial entre os órgãos de segurança na área de fronteira, a Polícia Federal tem operado em parceria com a Força Nacional, Polícia Rodoviária Federal e Polícia Militar.

Ainda segundo a Polícia Federal, o quarteto foi preso pelo crime de promoção de migração ilegal, com pena de até cinco anos de prisão e multa e levados à Penitenciária Agrícola do Monte Cristo (PAMC). Quanto aos vinte e sete imigrantes, estes receberam notificação de deportação imediata, tendo prazo de sete dias para sair do Brasil.



Figura 4 – PRF abordando casal por transporte ilegal de imigrantes.
Fonte: FOLHA WEB BV (2021).

A imagem representada na Figura 4, foi noticiada pela folha Web (2021), no dia 16 de maio de 2021, em que policiais rodoviários federais (PRF) abordaram um casal que estava promovendo a travessia ilegal de 08 haitianos. Eles estavam recebendo vantagem econômica para realizar o traslado dos imigrantes de maneira ilegal, na fronteira com a República Cooperativa da Guiana.

Nos relatos dos migrantes haitianos, segundo o G1, eles dizem que passaram por três países (República Dominicana, Panamá e República Cooperativa da Guiana), até cruzar a fronteira brasileira. Fugiam do desemprego e da ausência de perspectivas em seu país natal. Afirmaram buscar nova oportunidade de vida em outro país. Relataram a miséria, a fome, as epidemias e as catástrofes naturais - como o terremoto que em 2010 matou mais de 300 mil pessoas no Haiti.

Situação de pobreza, falta de liberdade e oportunidades também são apontadas pelos cubanos em busca de trabalho no Brasil. Segundo a Polícia Federal, entre janeiro de 2018 e novembro de 2019, 31.685 imigrantes cubanos ingressaram legalmente pela fronteira do Brasil, pela cidade de Bonfim, mas o número real pode ser bem maior.

"No ano passado detectamos muitos cubanos cruzando a fronteira da Guiana para o lado brasileiro de forma ilegal, alguns até pelo rio Tacutu, que marca os limites entre os dois países", afirma ao G1 Roraima, a cônsul da Guiana em Roraima, Shirley Melville. "No caso dos haitianos não temos relatos desse tipo".

Em 2017, a polícia interceptou dois taxistas que levavam 14 cubanos pela BR-401, que liga o Bonfim à capital Boa Vista. Eles haviam burlado a fiscalização na fronteira e entrado ilegalmente no Brasil.

As fronteiras possuem as aduanas em cada país, porém não existe um controle efetivo que garanta a segurança dos migrantes, estes acabam se submetendo a riscos, de vida, suborno, e de não conseguir chegar em seu destino final.

Ainda de acordo com G1 Roraima, “há atuação de coiotes que recebem os estrangeiros no aeroporto de Georgetown [capital da República Cooperativa da Guiana], e os levam para pegar ônibus com destino à fronteira”, relata a cônsul. “Em Lethem [última cidade guianense antes do Brasil] eles são recebidos por outras pessoas, que tem conexões com as de Georgetown”.

Depois dos venezuelanos, cubanos e haitianos são os estrangeiros que mais chegam pelas duas fronteiras terrestres do estado (Venezuela e Guiana). A nova rota que chegou até Bonfim, por ser mais perto de Boa Vista (125 km) do que Pacaraima (215 km), por onde cruzam os venezuelanos, Bonfim, que até então só via o movimento inverso, o de centenas de turistas que atravessam até Lethem, na República Cooperativa da Guiana, para fazer compras, sendo a grande massa consumidora, os amazonenses, agora vira rota de uma nova diáspora.

Entre janeiro e setembro de 2019 (período até onde estão disponíveis os dados da Polícia Federal, de ingresso de venezuelanos por Pacaraima) 198.555 mil imigrantes vindos da Venezuela, Haiti e Cuba chegaram a Roraima. Desses, 175.484 mil (89%) eram venezuelanos, 12.243 mil (6%) cubanos e 10.828 mil (5%) haitianos.

Em 2018, dos 245.242 mil estrangeiros dessas três nacionalidades que chegaram ao estado, 227.438 mil (92%) eram venezuelanos, 16.811 mil (6%) eram cubanos e 993 (0,4%) haitianos.

A operação Acolhida, criada para atender os refugiados venezuelanos que chegam ao Brasil por Roraima, não tem haitianos e cubanos nos abrigos e nem os inclui em voos de interiorização, mas devido a essa numerosa chegada tem os ajudado a obter documentação no país.

O que mais tem atraído esse novo fluxo pela fronteira brasileira em Roraima? De acordo com G1 Roraima, em entrevista realizada com a Consul, Shirley Melville, “A República Cooperativista da Guiana não exige visto de entrada para haitianos e nem para os cubanos” e “Quando eles entram no país só precisam apresentar passaporte”.

Em 2017, a ONU estimou que entre 2010 e 2016 o Brasil teve 67.226 mil haitianos em seu território, sendo o país da América do Sul com o maior número de haitianos. Pela via terrestre, os haitianos que nessa época (2010-2016) chegavam ao país cruzavam principalmente por Brasileia, no Acre, e em menor número por Tabatinga, no Amazonas.

Anteriormente vinham do Peru, mas com o passar dos anos a rota se tornou menos atrativa, isso porque o Equador, por onde os haitianos chegavam ao Peru (e depois ao Brasil por Amazonas e Acre), passou a exigir vistos de entrada há cerca de um ano e meio, diz Marília Lima Pimentel Cotinguiba, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia (Unir), que desde 2010 estuda a imigração haitiana.

Relata ainda que, essa exigência de visto no Equador criou uma barreira, e os haitianos que antes chegavam ao Brasil pela fronteira do Amazonas e Acre tiveram de buscar outros caminhos. “Foi aí que a Guiana entrou na rota”.

Além da rota pela cidade de Bonfim, haitianos que viviam na Venezuela também têm chegado ao Brasil por Roraima em meio ao êxodo venezuelano que cruza a fronteira de Pacaraima, só que em número bem menor dos que os que atravessam pela República Cooperativa da Guiana. Já no caso dos cubanos, a rota via Guiana explodiu em 2018, quando a Polícia Federal, contabilizou 16.811 ingressos regulares pela fronteira de Bonfim, mas começou a ter leve queda neste ano com a entrada de 14.864 imigrantes legais de Cuba entre janeiro e 16 novembro.

Divulgado em agosto pelo Ministério da Justiça, o Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBmigra) apontou um aumento nos pedidos de refúgio feitos por haitianos e cubanos. Eles vêm logo atrás dos venezuelanos no ranking de solicitações. De acordo com o documento, os pedidos feitos por haitianos aumentaram 83,3% na comparação entre agosto deste ano e o mesmo mês de 2018. Cubanos seguiram como a terceira nacionalidade que concentrou o maior número de pedidos, sendo 272 só em agosto de 2018 (G1 RORAIMA, 2019).

A maioria dos haitianos que chega ao Brasil por Roraima já cruzou pelo menos três países: República Dominicana, Panamá e República Cooperativa da Guiana. Já os cubanos, dois: Panamá e República Cooperativista da Guiana. Em geral, os estrangeiros chegam de avião até a Georgetown, e de lá seguem de ônibus à fronteira do Brasil - um percurso de quase 600km. Da fronteira Bonfim até Boa Vista eles vão de táxi ou de ônibus e na capital a maioria embarca na rodoviária e no aeroporto com destino a outros estados ou países.

“A grande maioria de cubanos e haitianos que vêm pela fronteira da República Cooperativa da Guiana usa o Brasil apenas como um corredor migratório, ou seja, não fica na região”, explicou o padre Ronilson Braga, da Pastoral Universitária em Roraima, que ajuda imigrantes e refugiados, em entrevista cedida para o G1 Roraima (2019). Muitos dos cubanos apresentam passaportes regulares e já chegam com voos comprados para a Argentina, Chile.

Já a maioria dos haitianos, segundo o padre, vão para o sul do Brasil, principalmente Santa Catarina. Alguns até ficam um tempo em Roraima, mas logo depois se organizam e vão para outros locais do país, principalmente para o Sul, onde têm redes de contato, que são haitianos que já se estabeleceram nessa região em ondas migratórias anteriores. (G1 RORAIMA, 2019).

Apesar de crescente, a entrada de cubanos e haitianos ainda está longe de se equiparar ao volumoso fluxo de venezuelanos que desde 2015 chega ao Brasil por Roraima. É importante destacar que na fronteira Brasil – República Cooperativa da Guiana não há um controle efetivo de entrada de migrantes pelo território brasileiro. Como bem destaca os noticiários de jornais, através das operações de deflagração da Polícia Federal, os atravessadores ilegais de migrantes em grande maioria são

taxistas intermunicipais, e existe uma rede organizada que ultrapassa as fronteiras para que esses migrantes, haitianos e cubanos, cheguem em território brasileiro.

Considerações finais

A migração para Amazônia foi impulsionada por políticas governamentais através do discurso da integração desta vasta área ao espaço nacional. Desta forma, a ideia era ocupar os espaços que, notadamente, os militares designaram de vazios demográficos, principalmente nas áreas de fronteira, pela preocupação que têm em assegurar o que chamam de soberania nacional – e esse fator, a nosso ver, ainda está presente na motivação de ocupação desta área fronteira, agora também pelo vetor da migração.

O incremento populacional na tríplice fronteira do Brasil (Brasil/Venezuela/República Cooperativa da Guiana) que tem sido significativo nos últimos anos, relaciona-se ao novo vetor de ocupação, tendo em vista o potencial de recursos primários e de possibilidades de toda natureza, ainda pouco exploradas pelo capital. Alia-se a este vetor o fenômeno da migração que tem um significado particular neste espaço fronteiro.

A complexidade dos fluxos migratórios recentes, ou de mobilidade através do Estado de Roraima nos remetem a reconfiguração do papel de alguns atores, embora, estudos mais aprofundados necessitem ser realizados, com dados mais consistentes.

No caso específico de Bonfim e Lethem, que são duas cidades com grande isolamento em relação às metrópoles do restante de seus respectivos países – uma ao norte do Brasil, no estado de Roraima, a outra do sul da República Cooperativista da Guiana, elas desenvolveram uma multiplicidade de laços. O termo “Guybras” utilizado por muitos residentes desta área, para definirem sua nacionalidade, dá conta da proximidade destes povos.

Redes de todo tipo se constituem e se fortalecem nesta área. Esta fronteira em seu contexto urbano e de floresta, e pela sua posição estratégica em relação ao espaço caribenho tem sido objeto de intensa procura por diferentes sujeitos sociais.

Na atualidade, sobressaem os crimes de descaminhos, tráfico, rotas clandestinas para todo tipo de ilícitos e de mobilidade humana, particularmente, desde 2017, o município de Bonfim tem sido também porta de entrada para migrantes cubanos e haitianos que buscam refúgio e uma nova perspectiva de vida no território brasileiro. Isso se deu em razão do Equador começar a cobrar o visto de entrada no país, dificultando a entrada pelo Amazonas e Acre, razão pela qual mudaram a rota de entrada no Brasil, passando por países como Suriname, e adentrando o Brasil pela cidade de Bonfim, no estado de Roraima.

Com as operações deflagradas pela Polícia Federal e noticiadas na imprensa, os fluxos de rotas clandestinas de promoção ilegal de entrada de migrantes pela fronteira Brasil-Guiana, tiveram uma

intensificação no período em que a fronteira estava fechada, devido à Pandemia da Covid-19. Um número maior de atravessadores clandestinos tomou conhecimento das rotas e possibilidades de lucrar com essa travessia dos migrantes haitianos e cubanos, que se submetem às condições impostas por estes atravessadores em longas rotas, que passam pelo Suriname, República Cooperativista da Guiana, até chegar na cidade de Bonfim.

Analisando as matérias de jornais, observamos que, com o comércio e serviços funcionando parcialmente em Bonfim, e, pouca circulação de turistas na região de fronteira, os taxistas envolvidos com a travessia ilegal de migrantes, tiveram uma alternativa de complemento de renda, pois os migrantes pagavam em dólar pelo traslado até o seu destino final em território brasileiro.

Por fim, pode-se concluir que a entrada de migrantes haitianos e cubanos na fronteira brasileira é utilizada apenas como corredor, estes migrantes, em sua maioria, não permanecem no estado de Roraima. A grande parte dos haitianos tem seu destino final o Sul do Brasil, onde se concentra a maioria da população haitiana residente no Brasil, já os cubanos chegam com as passagens compradas e seguem seu destino final para Argentina ou Chile.

Referências

ALMEIDA, J. M. C. **Mobilidade humana e trabalho: a situação de brasileiros em Lethem (GY)**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteira) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016. 138p.

ALMEIDA, J. M. C.; FILHO, E. G. S. Mobilidade Humana e trabalho: o caso de brasileiros em Lethem na Guiana Inglesa. **Canoa do Tempo**. Amazonas, v. 11, n. 1, p. 104-124, 2019.

BAENINGER, R. Notas acerca das migrações internacionais no século 21. In: BAENINGER, R. (Org.). **Migração Internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2013. 265p.

BAINES, S. G. **A fronteira Brasil – Guiana e os povos indígenas**. Brasília: Série antropológica, 2004.19p.

BECKER, B. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 172p.

BONFIM. **A história da Cidade de Bonfim**. Bonfim: PMB, 2017. Disponível em: <<http://bonfim.rr.gov.br>>, acesso em: 20 de Jun. 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Imigração e Refúgio no Brasil. **Relatório Anual 2020. Série Migrações**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

CLIFFORD, J. **Itinerários transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1999. 496p.

FOLHABV. “Município de Bonfim: PRF prende casal por promoção de migração ilegal em Roraima”. **Folha web** [16/05/2021]. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

G1 RORAIMA. “Nova onda de haitianos chega ao Brasil pela Guiana e engrossa êxodo de estrangeiros em Roraima”. **Jornal G1 Roraima** [16/12/2019]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

G1 RORAIMA. “PF prende taxistas por ajudarem imigrantes a entrar por fronteira em RR”. **Jornal G1 Roraima** [27/02/2021]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima>>. Acesso em: 04 jun. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas do Brasil. **Estados e Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 06.nov. 2022.

MACHADO, L. O. **Notas sobre o complexo coca: cocaína na Amazônia sul: Americana**. In: Relatório CNPQ, FINEP. [S.l.]: [s.n.], 1998.

MARTINE, G. Globalização inacabada: Migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v.19, n.3, p.3-22 jul./set. 2005.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997. 213p.

OLIVEIRA, M. M. de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 57, p. 183–196, 2006.

OLIVEIRA, M. S. B. de. Imigração Clandestina no Paraná, 2006-2017: uma análise a partir de dados da Marinha do Brasil-Diretoria de Portos e Costas. **Revista nueva época**, año 13, suplemento especial de invierno, p. 184-207, 2020.

RODRIGUES, F. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 57, p. 197–207, 2006.

RUCKERT, A. A.; SILVA, A. R. F. Políticas Públicas Face à Realidade da Faixa de Fronteira Brasileira: O Caso de uma Sub-região do Arco Norte. **Perspectiva Geográfica**, Paraná, v. 11, n. 15, 2016.

SILVA, A. B. da. **Geopolítica na fronteira Norte do Brasil: o papel das forças armadas nas transformações sócio-espaciais do estado de Roraima**. Boa Vista – São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007. 187 p.

SILVA, P. V. **Arquivo iconográfico de trabalho de campo na sede do município de Bonfim**. Boa Vista: UFRR, 2021.

SIMÕES, S. O. **Dinâmica das cidades-gêmeas da fronteira Guyana (Lethem) – Brasil (Bonfim) e a questão aduaneira/tributária**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras), Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014. 197p.

SMITH, R. T. **British Guiana**. London: Oxford University Press, 1962.

STAEVIE, P. M. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. 234p.